

ANNO VIII
NUMERO 192



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES


(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LION, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5 e 7. JOANNISTRASSE.
 PARIS. — 334. RUE ST. HONORÉ.
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, depeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
 de F. Lopes
 108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

Lambertini

REPRESENTANTE
 E
 Unico depositario dos celebres pianos
 DE
BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

DICCIONARIO BIOGRAPHICO DE MUSICOS PORTUGUEZES

FOR

ERNESTO VIEIRA

2 esplendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos
 na sua maior parte absolutamente ineditos

PREÇO BROCHADO 4\$000 RÉIS



Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 5 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: — O nosso cartão — Paul Vidal — A opera «Chopin» — Pizzicatos — Theatro de S. Carlos — Noticiario — Bibliographia.

O nosso cartão

Vae esta revista entrar no seu nono anno, e, ao contemplar o caminho percorrido, não póde furtar-se a um certo desvanecimento que os leitores acharão natural, porque durante esse já relativamente longo periodo diz-lhe a consciencia que não desmereceu da confiança e da benevolencia que se dignaram dispensar-lhe e aqui reconhecida lhes agradece mais uma vez.

A *Arte Musical* não foi e infelizmente não será uma publicação brilhante a emparelhar com as suas congêneres do estrangeiro, porque as circumstancias especiaes do restricto meio em que tem vivido não facilitam esses emprehendimentos; mas, tal qual é, não tem envergonhado — parece-lhe — as tradições d'este ramo especial do jornalismo, nem desmentido os principios em nome dos quaes veiu combater.

Tão pouco deixou nunca de prestar culto a tudo quanto tentou realisar-se ou se realizou em beneficio ou para lustre musical da nossa terra, e de algumas iniciativas honradas e fecundas, de algumas obras benemeritas ou generosas, poderia escrever com justiça que se nas suas columnas não nasceram, ao menos aqui receberam o acolhimento a que tinham jus.

Diz o dictado que louvor em bocca propria é vituperio; ha porém certos factos que não podem esconder-se ao simples enunciado, e ao seu natural commentario, alem de que nós apenas pedimos acreditem na sincera boa vontade com que nos temos esforçado por manter com dignidade e sustentar com o possivel brio a posição que vimos occupando, convictos como estamos, que em oito annos de existencia em que os nossos bondosos assignantes já para nós

constituem uma familia, tudo temos tentado para lhes agradar e corresponder ao favor recebido, lendo-nos.

Durante esse periodo viu a *Arte Musical* desfilar em suas paginas quasi todos os nomes illustres de Portugal e n'ellas deixarem o esmalte do seu talento e as scintillações do seu saber, e viram leitores e assignantes que aqui a saudação ou o reparo, a critica ou o alvitre, o louvor ou a censura se nem sempre vieram em primeiro lugar nem sempre formaram no derradeiro.

Agora que enceta o seu nono anno, a *Arte Musical* cumprimentando respeitosa e affectuosamente esses assignantes a quem já confessou dever a existencia, e desejando-lhes todas as prosperidades ambicionadas, de todos espera continuar recebendo o amavel concurso até agora dispensado, e com o qual porventura conseguirá ir trabalhando para a successiva realisação dos ideaes que a tem norteado, e em que nunca deixou de pôr o melhor do seu entusiasmo.

N'esta embaladora e carinhosa illusão que constitue a vida do espirito e que é talvez formada das illusões parciaes de cada um de nós, o supremo desejo dos que manejam uma penna, qualquer que seja o modesto lugar que occupem, deve cifrar-se em promover tudo quanto contribua para nos tornar melhores e cada vez mais humanos e mais unidos.

A arte que esta revista serve na imprensa realisa como nenhuma outra esse desejo, e pela convergencia das almas, pela vibração dos corações, está acaso destinada não só a a sarar as feridas feitas no conflicto inevitavel dos interesses, mas a ministrar a todos um divino e immaterial refugio contra as tambem inevitaveis contrariedades que a todos assaltam, e em especial contra as funestas dissidencias que a tantos dividem.

Religião até dos que outra não professam, ella congrega nas suas aras a absoluta unanimidade dos fieis.

Isto diz bastante para bem pesarmos as responsabilidades que nos impendem; mas graças á atmosphera que tem bafejado a nossa modesta tentativa, graças á valiosissima e desinteressada coadjuvação dos nossos collaboradores, e ás innumerables sympathias que temos encontrado, esperamos não desanimar, e contamos vêr a *Arte Musical* seguindo a sua marcha se não plenamente gloriosa, ao menos dignamente erecta e

séria, olhos postos na verdade e alma aberta á sagrada influência do Ideal que abraçou e em que crê.

Os nossos amáveis assignantes e os nossos leitores dignar-se-hão fazer o resto, e o tempo nos ajudará também.

Até ao novo anno pois, e ainda uma vez, festas felizes e agradecimentos sinceros a quantos, por qualquer fórma teem favorecido a *Arte Musical*, não esquecendo os nossos bondosos collegas da imprensa, que nos testemunhos da sua solidariedade não esquecem este modesto irmão.

Paul Vidal

Nasceu este illustre musico francez em Toulouse, a 16 de junho de 1863. Aos oito annos entrou no Conservatorio d'essa cidade, cursando a classe de solfejo de Laget e a de piano elemental de Hugounenc. Aos treze conquistava o primeiro premio de piano e de harmonia na classe de Fernando Magnier e pouco depois o lugar de mestre de capella e organista das Carmelitas Descalças.

Paris attrahia-o, como é natural. Em 1878 para lá se dirigiu, matriculando-se logo no Conservatorio. Um anno depois tinha o primeiro premio de Harmonia na aula de Emile Durand e em 1881 o primeiro premio de Fuga e o segundo *Prix de Rome* na classe

Massenet. O *Grand Prix* teve-o aos vinte annos com o *Gladiator*, de Moreau.

A' volta de Italia e depois de ter feito uma peregrinação a Bayreuth, consagrou-se inteiramente á composição e ao theatro da Opera, onde desempenhou primeiro o lugar de mestre dos côros e mais tarde o de director d'orchestra, em substituição de Ma-

dier de Montjau. Dirigiu também durante dois annos os notaveis Concertos da Opera, em que tanto se evidenciaram muitos dos compositores da moderna escola franceza.

Entre as suas brilhantes composições conta-se *Saint-Georges*, *Jeanne d'Arc*, envios de Roma, que foram acolhidos com sincero entusiasmo no Instituto, nos Concertos

Colonne e nos Concertos da Opera; a musica de scena do *Baiser* de Banville, da *Reine Fiamette* de Catulle Mendès, do *Matapan* d'Emile Moreau, do *Noël* e dos *Mysterios d'Eleusis* de Maurice Bouchor; as peccas lyricas *Eros* (Bouffes Parisiens), *La Maladetta* (Opera), *Guernica* (Opéra-Comique), *La Borgonde* (Opéra), *Judith*, etc.; um bailado encantador, *L'Impératrice*, que esteve muito tempo no cartaz do Olympia e muitos outros trabalhos de menor envergadura.



PAUL VIDAL

Paul Vidal é um dos mais distinctos musicos da sua geração, tanto pela sua sciencia e dotes naturaes, como pelo seu eclecticismo; notabilisou-se também no professorado, occupando ha alguns annos com superior intelligencia o lugar de professor de acompanhamentos do Conservatorio de Paris.

A Opera "Chopin"

Consta que será o *Chopin*, de Giacomo Orifice, a primeira das operas novas que ouviremos n'esta epoca em S. Carlos. Fieis ao nosso costume de publicar o entrecho d'essas operas novas, e quasi sempre em primeira mão, inteiramo-nos do libretto no proposito de offerecer a habitual primicia aos nossos leitores.

Esbarrámos comtudo logo com uma difficuldade, E' que o *Chopin*, para se distinguir por alguma cousa de original, não tem entrecho, no sentido que habitualmente ligamos a esta palavra.

Desenvolve-se a acção em torno da fulgente personalidade de Chopin, n'uma serie de scenas, que não tem grande relação umas com as outras e que nos apresentam o sublime artista polaco em diversos estados d'alma, mais ou menos adequados á natureza dos trechos que constituem o fundo musical da obra e que são as suas proprias composições de piano.

Na parte musical é, como se vê, um apontado de transcripções e adaptações da grandiosa obra pianística de Chopin, collocada escandalosamente fora de foco e necessariamente alterada não só nos processos que o auctor exigiu, mas ainda na intenção, no rythmo e na lidima architectura imaginada pelo genial pianista. Na parte dramatica, francamente, não é... cousa alguma; buscou-se naturalmente escolher situações que não desdissem muito dos topicos que mais á mão se encontravam na obra chopiniana, a melancolia e o nacionalismo, pouco material em verdade para constituir um drama movimentado e interessante, como o nosso espirito moderno póde exigir.

Divide-se o *Chopin* em quatro partes ou actos, passando-se o primeiro, em vespera de Natal, n'uma aldeia varsoviana coberta de gelo.

Elio, o amigo dedicado de Chopin, procura distrahir-o da sua negra melancolia e induzil-o a divertir-se com os patinadores que sulcam o lago, em alegre e descuidoso bando. O musico sonhador só encontra lenitivo á sua tristeza no silencio e na contemplação da natureza.

Nascé a lua; tudo é calma e doce quietação. Ouve-se ao longe a voz de Stella que entoia louvores á natureza. No colloquio que se segue, entre Chopin e Stella, incita-o esta a transformar em melodias suaves e bellas aquella deliciosa quietação da noute.

Termina o acto com uma scena campestre em que os aldeãos cantam a doce alegria da noute de Natal.

O segundo acto decorre em abril, proximo

a Paris, na residencia de Flora, a encantadora amiga de Chopin. Baseia-se esta segunda parte da obra principalmente na grande dedicação do mestre pela sua amada patria e nas desgraças politicas de que ella foi victima.

O preludeo orchestral com que inicia a terceira parte é tirado da *Polacca*, op. 22. Passa-se a scena junto a uma abadia arruinada, na ilha de Maiorca, onde Chopin foi buscar allivio para os seus males.

No longo dialogo entre elle e um velho frade, ha o embate da profunda religiosidade d'um com o desalento e descrença do outro. Sobrevem uma tempestade. Chopin, que espera a vinda dos seus amigos de Paris, treme por elles e receia um desastre. Por fim chegam Elio e Flora, mas a filha d'esta, Grazia, foi victima do furôr das ondas. Todos choram sobre o pequenino cadaver e o acto termina com um commovente *Ave*.

O quarto e ultimo acto, que decorre em Paris, na casa do mestre, tem apenas tres personagens, Stella, o fiel Elio e Chopin, com cuja morte se termina a peça.

Veamos agora quaes foram os motivos thematicos, que serviram a Giacomo Orifice para a confecção da sua opera. A lista não deixa de ser interessante, tendo em vista particularmente e como reforço ao que acima dissemos sobre a estrutura musical d'esta obra, que todas as composições pianísticas do celebre poeta do piano se encontram fragmentadas, mais que isso, recortadas á thesoura e *colladas* umas apóz outras, por uma forma que não deixará de ser engenhosa, mas que affronta descabelladamente os mais elementares principios do bom senso e da honestidade artisticas.

Eis a relação das peças que serviram para o attentado: — *Scherzos*, op. 3, 39 e 54; *Sonatas*, op. 4, 35 e 58; *Masurkas* op. 6 (n.º 3), 7 (n.º 3), 17 (n.º 1), 24 (n.º 4), 30 (n.ºs 2 e 3), 33 (n.ºs 1 e 4), 41 (n.ºs 2 e 3), 50 (n.º 1), 56 (n.ºs 1 e 2), 68 (n.º 3); *Nocturnos* op. 9 (n.ºs 1, 2 e 3), 15 (n.ºs 1, 2 e 3), 27 (n.ºs 1 e 2), 32 (n.º 1), 37 (n.ºs 1 e 2), 48 (n.º 1), 55 (n.ºs 1 e 2), 62 (n.ºs 1 e 2); *Estudos* op. 10 (n.ºs 3, 7 e 10), 25 (n.ºs 4, 6, 7 e 10), 1.º 2.º e 3.º do Methodo dos Methodos; *Concerto* op. 11; *Grande fantasia sobre melodias polaccas* op. 13; *Krakowiak* op. 14; *Polaccas* op. 22, 26 (n.ºs 1 e 2) e 44; *Balladas* op. 23, 38, 47 e 52; *Preludios* op. 28 (n.ºs 1, 2, 4, 6, 9, 15, 17, 18, 20, 21, 24) e 45; *Impromptus* op. 29, 36 e 51; *Valsa* op. 42; *Fantasia* op. 49; *Berceuse* op. 57; *Barcarola* op. 60 e finalmente... (meu Deus! tanta cousa bella para fazer uma opera!) a *Polacca-fantasia* op. 61

L.

PIZZICATOS

Os aliás pessoalmente estimaveis cavalheiros que fazem de edis, n'esta nossa muito nobre e muito linda cidade de Lisboa, certamente que sentem o maior de todos os pezares ao verem o estado de immundicie a que chegaram as avenidas, ruas, travessas e beccos da referida cidade, e, de terem os ouvidos, os olhos, a bocca, a transbordarem de pó, e concomitantes cousas, não ouvirão, não verão, e não responderão, a quem em tal conjunctura venha ainda falar-lhes de musica; ainda — e de novo.

Mas que suas senhorias hajam por bem sacudir-se, sem todavia me sacudirem a mim, e logo concluirão que o que venho a dizer-lhes é pelo menos uma coisa interessante, lá isso é, modestia á parte.

Ora pois dignem-se escutar. Segundo li em periodicos, o leal senado como creio que se escrevia d'antes, a camara municipal conforme se escreve á moderna, parece que por emquanto ainda é senhora d'uma igreja chamada de Santo Antonio da Sé, e insinuó que ainda é, porque quem sabe se mais dia menos dia, o Ministerio do Reino tambem lh'a surripiá, como já lhe tem surripiado o resto.

Sendo assim, sem duvida que n'essa igreja deve existir um orgão — senão mesmo dois.

Havendo orgão ou orgãos, alvitrarão varios que deverá tambem haver organista; mas aqui é que divergem os pareceres, e creio que tal entidade é lá desconhecida.

Sendo porém natural que o instrumento demande o instrumentista, lembrei-me eu do seguinte:

Não poderia a Camara, aproveitar a residencia, no burgo que administra, do professor Desiré Pâque, e provê-lo n'esse logar, impondo-lhe, a troco de uma remuneração estipulada, a obrigação de abrir um curso de orgão, o qual seria frequentado pelas raparigas e rapazes da capital que denotassem vocação para isso?

Eu bem sei que me podem observar cheirar a pergunta a *carolice*, quer dizer, a beaterio, porque para muitas creaturas tocar orgão é já quasi o mesmo que ajudar á missa ou viver ao divino; comtudo muitas outras creaturas existem, tambem, que não ignoram ser o orgão um dos mais potentes e empolgantes instrumentos, ouvido em solemnidades ou festas absolutamente laicas ou mundanas, embora a miude a todos nos mergulhe logo n'uma especie de recolhi-

mento religioso, — o que não prejudica nada — antes pelo contrario.

E tão pouco devem esquecer, inclusive os mais heterodoxos, que sendo ainda a população lisboeta, catholica, apostolica e romana, celebrando a propria Camara, apesar de representar egualmente catholicos e não catholicos, varias cerimonias d'este culto, quer na citada igreja de Santo Antonio da Sé, quer nos seus dois cemiterios, não lhe faltaria em que occupar este seu especial funcionario, mesmo no capitulo ecclesiastico.

Além de que, imaginem os senhores, que uma vez tornado realidade esse promettido e em vão esperado Parque, e construido n'elle um Palacio de Exposições, ahí se effectuavam aos Domingos uns concertos d'orgão em que a gente podia ouvir algumas das immortaes obras que para elle ha escriptas por musicos que se chamaram Bach, Palestrina, Monteverde, Marcos Portugal, Haendel, Stradella, etc., não lhes parece que seriam duas horas bem passadas?

Ora o Municipio tinha ensejo de fazer isto, porque, desenganemo-nos, os municipios modernos, verdadeiramente dignos d'este nome, não se preoccupam apenas com a lavagem dos canos e das ruas, pensam tambem na lavagem das almas e dos cerebros, e em materia de *concertos*, tão uteis podem ser os que se referem a suavisar o piso dos passeios, como os que se dirigem a suavisar os ruidos dos ouvidos...

Juntemos a isto o facto de tal innovação poder no futuro representar para alguns um ganha-pão honroso e benefico, pensemos nas festas que, com o poderoso auxiliar d'um orgão, magistralmente executado, acabariam por levar-se a effeito e de que ao proprio municipio não ficaria mal tomar a iniciativa, festas cujo producto no ponto de vista financeiro tão bellas e uteis applicações era susceptivel de ter, e digam-me se esta minha idéa não encerra lá dentro o seu quê de aproveitavel.

Pensem n'ella, alarguem-n'a, trabalhem-n'a, que desde já lhes fica deveras grato o vosso

RI-MAL

N. B. — No meu anterior Pizzicatto falando-se de Rudolf saiu um *poderiam*, por um *poderam*, que sobre ser tolice, tinha no caso especial o seu quê de impertinente, pelo que sempre julgo opportuno fazer aqui a errata.

RI-MAL.

Teatro de S. Carlos

Para dizermos que o nosso teatro lirico abriu no dia 18 do corrente com o *Otello* de Verdi é já um pouco tarde. Mas registe-se o facto para cumprimento dos deveres de cronista.

Não foi demasiado auspiciosa a estreia do tenôr David Henderson, desde então em descanço para tratar d um abaixamento de voz, que na occasião alguém affirmou ter-se manifestado logo no primeiro acto. Foram por certo as naturaes consequencias do temporal defeito que o ia fazendo naufragar ao aportar á ilha de Chypre, agravadas pela indiferença com que o auditorio lhe recebeu o celebre *Exultate*. Um verdadeiro naufragio artistico. Consta-nos porem que o sr. Henderson voltará a cantar e então diremos das impressões que nos deixar.

Ao sr. Henderson succedeu no *Otello* o tenôr Alberto Alvarez, de figura herculea e voz varonil, educada na actual escola franceza, que, alem do apoio nasal da voz, se manifesta por uns constantes *portamenti*, que dão á melodia um aspecto plangente. A soprano Maria Boyer e o tenôr Max Maréchal são dois exemplares perfeitos d'esta escola.

O tenôr Alvarez é um bello actôr, como em geral o são todos os artistas franceses. Estudou conscienciosamente a parte dramatica do *Otello* em todas as suas minucias. Procura reproduzir o tipo do celebre mouro de Veneza tanto no modo de vestir como na ferocidade, adótando uma caracterização que muito o coadjuva para conseguir o seu *desideratum*. E estamos convencidos de que á grande arte com que interpreta o papel de *Otello*, mais do que ao timbre da voz ou á sua escola de canto, deve Alberto Alvarez os triunfos que tem obtido na scena lirica, principalmente na celebrada opera de Verdi.

A sr.^a Oliva Petrella, cujo nome desconheciamos, é uma artista bastante correcta, quer como actriz quer como cantôra. Para obter egual sonoridade nas notas da escala precisa ás vezes de fazer uns esforços que sériamente prejudicam a dicção. E' o caso da musica neutralizar o poêma. No *Otello*, ao lado de Alvarez, a sr.^a Petrella subiu muito no conceito dos que a tinham ouvido na primeira noite.

Só temos elogios a fazer ao baritono Bonini, que reapareceu no difficil papel de Iago. Mais algum estudo para a boa interpretação da embusteira e perversa personagem, principalmente no segundo acto do drama, é o que falta ao sr. Bonini, que a natureza favoreceu com uma bella e potente

voz, que a prática e boa vontade do artista vae sensivelmente melhorando de anno para anno.

Do baixo Mansuetto, ao qual por mais de uma vez já nos referimos em épocas liricas passadas, nada temos agora que dizer. E' uma bella voz, em que não houve os preciosos cuidados de empostação para evitar uma constante oscillação que muito a prejudica.

No dia 22 do corrente voltou á scena de S. Carlos a japonesa *Iris*, que pela primeira vez tinha sido cantada em Lisboa a 8 de fevereiro de 1901. Como protagonista reapareceu a sr. Emma Carelli, que tomou parte no elenco da época lirica de 1901 a 1902, cantando a *Tosca*, *Mefistofeles*, *André Chénier*, *Cavallerie rusticana* e *Fédora*. Na parte de Osaka tambem se apresentou o tenor Piero Schiavazzi, que fez parte do elenco de 1904 a 1905, cantando a *Tosca*, *Manon Lescaut*, *Fausto*, *Cavalleria rusticana* e *Bohème*.

Uma e outro são portanto bastante conhecidos dos *dilettanti* de S. Carlos e dispensam novas referencias. O baritono Rogerio Astillero, a quem foi distribuido o papel de Kiôto, mostrou possuir muita pericia artistica como actôr. Por certo teremos occasião de o apreciar como cantôr numa outra opera, porque na *Iris* mal tem ensejo de se fazer ouvir convenientemente, embora nos parecesse artista consciencioso. Tanto elle como a sr.^a Petrella e o tenôr Schiavazzi estão em scena perfeitamente á vontade, porque conhecem bem o poêma e a musica.

A *Iris* foi posta em scena com muito luxo, mas conservamos a respeito da partitura a nossa antiga opinião. E' um trabalho que mostra os grandes conhecimentos de harmonia dissonante artificial e a muita paciencia de que Mascagni dispôz para conseguir series ininterruptas de accordes dissonantes, que darão muita côr local ao drama, com imitações da tonalidade japonesa, mas que tambem muito desagradam ao nosso ouvido.

A contrabalançar estas estranhas dissonancias ha numeros d'um valor real, em que a melodia é comprehensivel e prende a attenção dos que se interessam por tudo quanto é original. A *Iris* marca um passo mais dado no caminho trilhado pelos actuaes compositores italianos na evolução musical moderna.

No *Rigoletto* debutou no dia 24 um outro turno de artistas.

A sr.^a Esperanza Clasenti é uma verdadeira *esperança*; uma esbelta figura de adolescente, com uma linda e bem timbrada voz de soprano ligeiro. Volume de som, aveludado, maleabilidade, rigorosa afinação, são qualidades que na sr.^a Clasenti estão a pedir uns

exercícios diários de vocalização, para transformar a joven artista numa distincta e muito apreciavel cantôra, fadada para um aureo e florido futuro.

Na parte de duque de Mantua debutou tambem o tenôr Aristedemo Giorgini, que, como a sr.^a Clasenti, é artista em começo de carreira. Estamos mesmo crentes de que o palco de S. Carlos é a primeira scena lirica séria em que os dois artistas se apresentam ao publico.

O sr. Giorgini tem um timbre de voz muito comparavel ao de Bonci. Em alguns desenhos de frases melodicadas fez-nos mesmo lembrar o celebre tenôr. Para ser um bom artista falta apenas ao sr. Giorgini mais presença de espirito, mais habito da scena, e, acima de tudo, uns persistentes e diários exercicios de vocalização, que são o escôlho de todos os cantôres modernos. Com os magnificos dotes que Giorgini possui, se souber aproveitá-los, será artista para um brilhante futuro.

O baritono Maggi, que parece ter sido escriturado muito recentemente, tem o habito da scena e conhece bem os recursos de que dispõe. Tira todo o partido possivel da voz, que emprega com bastante correcção. Defende-se bem e deu-nos um Rigoletto que não enfada.

Os côros e a orquestra foram melhorados. Mas isso não basta. O pessoal dos côros tem necessidade urgente de ser reformado. Ha elementos antigos que estão cançados, gastos e que desorganizam os que veem de novo. São elementos em tudo dissonantes e que desde os primeiros espectaculos contribuem não só para umas quantas desafinações, que muito prejudicam o regular desempenho das partituras, mas que tambem dão o mau exemplo da pouca attenção que prestam á batuta.

Da orquestra, em que ha bons artistas portugueses a occupar os primeiros logares, é de justiça dizer que nos agrada. Muito havia a esperar d'ella se os ensaios e espectaculos diários não produzissem em pouco tempo os devidos effeitos de canção e fadiga.

Mais detidamente voltaremos a falar dos côros e da orquestra.

29 de dezembro.

ESTEVES LISBOA

Não é por ventura a musica um suspiro, um gemido, um grito melodioso, que nos afflue aos labios no momento em que começa o inexprimivel por meio das palavras?

LAMARTINE



PORTUGAL

O proximo concerto da Sociedade de Musica de Camara terá muito provavelmente o seguinte programma:

Quinteto, op. 87.....	MENDELSSOHN
Trio, op. 1, numero 1.....	BEETHOVEN
Quinteto da Truta.....	SCHUBERT

Não está por ora fixado o dia em que se deve realisar.

*

No proximo numero offerecemos aos nossos leitores um estudo do prestimoso homem de letras, sr. dr. Antonio Arroyo, sob o titulo de *Wagner e a Arte do Canto*, em que se debate uma interessantissima questão levantada ha pouco pelo magazine *Musica*.

Este estudo, que em parte já appareceu na revista literaria do *Seculo*, agora largamente desenvolvido pelo seu auctor e renovado em alguns dos seus aspectos, constitue uma valiosa novidade para os nossos leitores.

*

Tambem no proximo numero se publicará o balanço do movimento da Caixa de Socorro a Musicos Pobres, relativo ao corrente anno.

A parte que coube a esta instituição de caridade no producto do concerto de 2 do corrente mez, foi de 125\$640 réis, que já foram convertidos em titulos de divida publica.

*

A folha official publica brevemente o programma do concurso para provimento do logar de professor auxiliar da aula de piano do Conservatorio.

*

Foi nomeado fiscal-thesoureiro do Conservatorio Real de Lisboa, o sr. Fabião Gomes d'Oliveira.

*

O nosso collega *A Illustração Portuguesa* publica no seu n.º 45 um bello artigo sobre a *Grande Orchestra Portuguesa*, fazendo-o

acompanhar dos retratos de quasi todos os artistas e amadores que n'ella tomam parte.

A essa brilhante revista, assim como a todos os jornaes, que tão benevolmente se referiram a esta iniciativa, agradece o nosso director as amaveis palavras com que o distinguiram.

*

O noso bom amigo e illustre collaboradôr Alfredo Pinto (Sacavem) está trabalhando na letra de um poema *A Moabita* e de uma opera em um acto, ambas com musica do novel compositor Antonio Thomaz de Lima.

A *Moabita* é destinada, ao que nos consta, a sêr executada pela *Schola Cantorum*, sob a direcção do maestro Alberto Sarti.

Alfredo Pinto foi tambem convidado pela direcção do nosso brilhante collega *Tiro e Sport* para escrever as chronicas musicas que a mesma revista vae iniciar no proximo janeiro.

*

Não publicamos n'este numero a habitual secção de concertos, porque realmente foram pouquissimos os d'esta quinzena.

Alem do concerto mensal da *Sociedade de Musica de Camara*, primeiro d'esta epoca, com o programma que no numero anterior indicavamos, só nos consta ter havido duas sessões musicas hontem, 3o, não podendo nem d'uma nem d'outra dar largas informações aos nossos leitores.

A primeira, organizada pelas *Officinas de S. José*, teve logar ás 4 1/2 horas da tarde, executando-se um variado programma musical e literario, cuja execução não pudemos apreciar, por termos recebido o convite demasiado tarde. Agradecemos no entanto á sympathica instituição de caridade a attenção de que fomos alvo.

Quanto á segunda effectuou-se nas salas do *Grande Club de Lisboa* com a apresentação de um sexteto madrileno e varios numeros de esgrima. Tambem não assistimos.

ESTRANGEIRO

Desde annos que na rua Tournon, em Paris, os *Concerts Rouge*, quinze instrumentos e um piano, são todas as noites ouvidos por uma assistencia attenta e recolhida. Ha licença para fumar e tomar qualquer bebida mas os creados parece comprehenderem a conveniencia do socego, porque servem sem ruido.

*

Finalmente M. Sechiari, a quem a *Arte Musical* já se referiu, começou na avenida

Clichy a serie das suas annunciadas audições musicas, mas o proprietario da sala, a pretexto de que os frequentadores não consumiam bebidas, rescindiu o contracto. M. Sechiari, primeiro violino dos concertos Lamoureux que dirigia uma orchestra de 6o professores quasi todos elles notaveis, viu-se forçado a interromper a sua tão sympathica iniciativa mas é de esperar que em breve consiga descobrir outra sala, cujo proprietario seja mais accessivel aos motivos estheticos que ás limonadas e cafés...

*

M. Barrau, da orchestra Lamoureux, formou tambem uma sociedade de concertos *Euterpeia* que funciona na rua Caumartin; compõem-na 4o executantes.

*

A attenção dos compositores é sollicitada pela obra poetica d'Oscar Wilde.

Ricardo Strauss d'ella se valeu para a sua *Salomé* e agora um joven compositor húngaro, de nome Emilio Kalman, trata de pôr em musica uma outra criação do infornado poeta — *O anniversario da Infanta*.

*

A epoca lyrica de Roma (theatro Costanzi) começou este anno a 26 do mez corrente, com a representação do *Crepusculo dos Deuses*, de Ricardo Wagner.

Figuram no elenco o *Fausto*, *Werther*, *Bohème*, *Guilherme Tell*, *Traviata* e *Carmen* e como novidades a *Filha de Jorio*, de Franchetti e *Thais*, de Massenet.

*

Da igreja de S. João de Latrão, em Roma, desapareceu a partitura autographa d'uma missa de Palestrina, assignada pelo mestre.

Parece que o precioso manuscripto, cujo valôr se calcula em cerca de 300:000 liras, bateu as azas ha um certo tempo e foi aninhar-se no estrangeiro, na estante de algum colleccionador pouco escrupuloso.

*

O organista da cathedral de Westminster, Frédéric Bridge, descobriu uma interpretação musical do famoso monologo de Hamlet, *Sêr ou não sêr*, escripta ao que parece por um contemporaneo de Shakespeare, talvez um dos artistas da sua *troupe*.

O trecho foi executado ultimamente em

Hove, depois de uma conferencia de Frédéric Bridge, sobre *Shakespeare e a Musica*.

Loevensohn (violoncellista), Nanny (contra-baixista), Vilain e Tournemire (organistas).

O Conservatorio de Trieste poz em concurso a composição d'um quarteto para instrumentos d'arco e d'um côro para vozes femininas.

O premio é de 300 corôas e podem concorrer artistas de todos os paizes, comtanto que as obras que apresentem sejam ineditas e ainda não executadas.

Prestam-se outras informações na nossa Redacção.

Em Mannheim teve um bom exito a traducção allemã do drama lyrico, *Il Vindante*, de Enrico Bossi.

O theatro da Scala de Milão abriu em 18 com a *Carmen*, tendo por principal interprete a distincta cantora Maria Gay e por director o celebre maestro Toscanini.

Tiveram ambos um grande exito.

A illustre cantora Haricléé Darclée e o grande pianista viennense Emilio Sauer, estão escripturados para Bucarest, a primeira para uma serie de representações na Opera e o segundo para dois concertos na sala do Atheneu.

Uma engenhosa novidade no Lortzing-Theater de Berlim. Cada logar de plateia dispõe de uma minuscula lampada electrica, que o espectador pode collocar á sua vontade de modo a poder lêr distinctamente o libreto ou o programma.

A Sociedade dos Concertos Classicos de Marselha, cuja orchestra é dirigida por Gabriel Marie, tem um programma brilhante para a presente epoca:—A *Historia da Overture* desde Monteverde até aos nossos dias, *Morte e Transfiguração* de Ricardo Strauss, *Stenka Râzine* de Glazounow, as symphonias de Vincent d'Indy, Guy Ropartz e Sylvio Lazzari, dirigidas pelos proprios auctores.

Para a parte vocal os artistas escriptura dos são Martha Philipp e Gustave Borde; como instrumentistas nada menos que Raoul Pugno e Alfredo Cortot (pianistas), Eugène Ysaye e Fritz Kreisler (violinistas); Marix



Aos nossos collegas da imprensa periodica, tanto estrangeira como nacional, que em permuta com esta revista tão gentilmente nos visitaram durante o anno, agradecemos calorosamente a distincção concedida, fazendo os melhores votos de longa vida e de incessantes prosperidades.

São elles:—*Ars et Labor*, *Le Menestrel*, *Le Monde Musical*, *Rivista musicale italiana*, *Le Mercure Musical*, *Revue Musicale*, *Musica*, *Le Guide Musical*, *Violin Times*, *Monthly Musical Record*, *Le petit Poucet*, *Musikliterarische Blätter*, *Zeitschrift für Instrumentenbau*, *Musik-Instrumenten-Zeitung*, *Cæcilia*, *Mexico Musical*, *Boletim Photographico*, *Tiro e Sport*, *O Occidente*, *Semana Illustrada*, *Primeiro de Janeiro*, *Echos da Avenida*, *Vanguarda*, *Opinião*, etc.

A' distincta amadora, sr.^a D. Edwiges Bensabat tambem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos pela amavel offerta das suas composições:—*Feuilles sans parfum*, 15 valsas para piano, e *Perché?*, melodia para canto, que a casa Neuparth & Carneiro acaba de editar.

Vimos com infinito prazer estes trechos, que denotam uma rica organização de compositora, com a mão talvez ainda um tanto tremula e hesitante, mas sciente de muitos recursos e efeitos que não tem nada de banal e que significam desde já a applicação conscienciosa d'um talento bem invejavel. Na *maneira*, as pequenas peças de piano lembram ás vezes as de Chopin e de Schumann e algumas ha, como por exemplo a 4.^a, 5.^a, 6.^a, 8.^a, 9.^a, 11.^a, 13.^a e 15.^a, que são encantadoras e de effeito certo, quando forem bem executadas.

Felicitemos pois esta illustre amadora por mais esta manifestação do seu talento.

Da acreditada casa Moreira de Sá, do Porto, recebemos um specimen dos seus interessantes libretos d'operas—a *Aida*. Contem a biographia do compositor, um bello estudo sobre a musica do *capo-lavoro* verdiano e um resumo do libreto.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa CARL HARDT, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de CARL HARDT, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e *sympathica*, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa CARL HARDT, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na CASA LAMBERTINI, representante de CARL HARDT, em Portugal.



14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA
CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » O. W. Molkau
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.**

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaco , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carlota Satti Machado , professora de canto, <i>Rua de S. Bernardo, 16, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Desiré Pâque , professor de piano, harm. e composição, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, orgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>R. Julio Cesar Machado, 5, r/c.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rachel Pâque , prof. de canto e dicção, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA